

Pierre Tripier, *Du Travail à l'Émloi, Bruxelles, Editions de l'Université de Bruxelles, 1991, 204 pp.*

Eis mais um livro que reflecte sobre os percursos e os significados da sociologia. Pelo momento em que é escrito, ele inscreve-se necessariamente no movimento de reexame crítico que, de volta em volta, a sociologia faz sobre si mesma, sobre as condições sociais das suas elaborações, sobre o seu destino, os seus patrocinadores, e, talvez em especial, sobre a maneira como tudo isto age sobre o próprio processo interno do seu pensamento.

Trata-se, assim, no dizer do próprio autor, de uma sociologia da sociologia, vista através das condições de estabelecimento dos diversos *paradigmas* dominantes na disciplina, do jogo de espelhos que eles mantêm com certas *ideologias*, e das suas respectivas *interacções*. (Estes três conceitos constituem, de resto, explicitamente, o subtítulo que o autor escolheu para esta obra). Estamos, pois, perante um trabalho de natureza epistemológica que, numa primeira parte se debruça sobre "a matriz disciplinar da sociologia" e, na segunda, prolonga este mesmo tipo de exercício, agora sobre o campo mais restrito da sociologia do trabalho. Nestas condições, o texto exige uma leitura elaborada e supõe um conhecimento relativamente extenso quer das grandes escolas teóricas da sociologia, quer das temáticas e da bibliografia de base da sociologia industrial e do trabalho.

Depois de umas quantas páginas introdutórias, abrangendo os dois primeiros capítulos, sobre temas gerais como ciência, filosofia, ideologia, pa-

radigmas, e suas relações recíprocas, o autor propõe-nos um exame dos três paradigmas por ele considerados dominantes na sociologia, a saber: o paradigma atomista-individualista, o paradigma nacional e o paradigma de classe. No primeiro, põe-se em destaque as suas relações íntimas com o modelo científico da física a partir de Galileu e Newton, com as filosofias iluministas e contratualistas do século XVIII e com os fundadores da economia política. No segundo, de forma mais inovadora, destaca-se a importância de noções como as de sistema e evolução, surgidas no campo das ciências naturais, para a construção do conceito de nação, por vias que incluem tanto o direito como o estado, a burocracia como a instituição. Por último, o paradigma de classe (enunciado sobretudo através da forma de apreensão de realidade em Marx) é fortemente ligado ao conflito a ao antagonismo que alimenta a "arte da guerra". Ora, para Tripier, todo o esforço de elaboração do pensamento sociológico passa necessariamente por um destes três paradigmas - assentes respectivamente no indivíduo, na nação e na classe -, ou, mais frequentemente, por vários deles, como o autor procura ilustrar, exercitando-se sobre os casos particulares das sociologias de Durkheim, de Marx, de Boudon e de Bourdieu. A tensão contraditória destes três paradigmas constituiria, então, a *matriz disciplinar* própria da sociologia; enquanto, por outro lado, a sua inserção social a con-

duziria necessariamente à formulação de juízos, ora do tipo "consultoria", ora de carácter "futuroológico".

Armado deste instrumental teórico, o autor passa então à análise do itinerário seguido pelo ramo especializado da sociologia que se tem dedicado ao estudo dos fenómenos ligados ao trabalho. A vertente "conselho" estaria, por exemplo, fortemente presente desde a "fundação" da disciplina com a intervenção de Hawthorne prosseguida depois pela escola das "relações humanas" e outras bem mais recentes. E a vertente "futuroológica" marcaria claramente os trabalhos de Friedmann, de Kerr ou Richta.

Mas a tese central avançada por Tripier consiste em considerar que, em razão da tensão paradigmática específica que está presente na matriz disciplinar da sociologia do trabalho, a *situação de trabalho* resulta necessariamente privilegiada nas análises por ela produzidas, quer epistemologicamente, quer metodologicamente. Diz assim o autor que ela analisa "em primeiríssima prioridade o acto de trabalho, para em seguida interpretar o conjunto das informações que se possuem, em função do conhecimento que se tem desse acto de trabalho". E, para apoiar com um exemplo esta afirmação, recorre a uma passagem de Touraine e Mottez no *Traité de sociologie du travail*: "O trabalho mecanizado, o nível e a forma dos salários, os métodos de organização e de gestão das empresas, definem uma situação de trabalho e permitem analisar as atitudes e a acção operárias." (p. 99). Nesta sociologia, o trabalho aparece como realidade explicativa tanto da dinâmica da sociedade como dos com-

portamentos contingentes dos trabalhadores. Na origem de tal posição de privilégio, estaria a "íntima convicção de que a observação do acto de trabalho e da sua evolução é a chave que permite aceder à previsão de um futuro verosímil" (p.100).

A estas interessantes observações críticas, segue-se um exame do mesmo tipo sobre, sucessivamente, a análise sociológica da satisfação no trabalho, da sociologia da qualificação e da sociologia das profissões. Na primeira, por exemplo, investiga-se os limites e as relações dos comportamentos descritos conceptualmente pelas figuras do *homo faber* e do *homo oeconomicus*, a noção de alienação e o caso particular dos pesquisadores científicos franceses, para pôr em realce a ambivalência do laço entre a satisfação e a produtividade, contra a ideia feita da causalidade daquele primeiro termo. Na análise das qualificações, surgem categorias decisivas como o mercado e a profissão. Finalmente, num derradeiro capítulo, é esta mesma noção de profissão que é obmente, num derradeiro capítulo, é esta mesma noção de profissão que é objecto de indagação, vista através das interpretações liberal, nacional-funcional e marxista, com o recurso ao exame de uma profissão concreta (informáticos) para aí observar o efeito da divisão-do-trabalho e da formação no funcionamento do seu particular sistema ocupacional.

De entre as conclusões desta segunda parte, algumas parecem-nos de especial relevância. Assim acontece com a afirmação de que "nos grandes sistemas organizados, são menos as condições de trabalho que modelam as

condutas, que os sistemas de progressão, isto é, as condições em que se desenvolvem os itinerários de carreira", ou com a constatação de que "longe de ser uma relação individual ligada à tarefa desempenhada, a qualificação é o resultado de uma relação societal organizada pela tradição intelectual, pelo sistema educativo e pelas relações colectivas de um país" (p. 163).

Por fim, nas páginas de conclusão que fecham o livro, Tripier situa-se no campo analítico do mercado de trabalho, ou melhor, do *sistema ocupacional*, visão mais "sociologizada" que contempla simultaneamente as carreiras potenciais abertas às várias gerações (socialmente estruturadas) de indivíduos, e os fenómenos de "coligação" (agregação de interesses, acção colectiva, pressão, corporativismo, etc.) que entre eles se podem registar numa situação de mercado, face ao empregador ou ao cliente.

Não sendo propriamente novas, algumas delas, estas críticas e propostas representam, em qualquer caso, um contributo de inegável valor para uma auto-reflexão sobre os discursos científicos proferidos pela sociologia acerca do trabalho. Entroncando numa problematização já tentada por Pierre Rolle (mas sem a circularidade discursiva da forma de raciocínio deste último), a reflexão epistemológica de Tripier distingue-se claramente de outras abordagens críticas da disciplina, nomeadamente da realizada por Michael Rose. E se da desmontagem dos processos através dos quais a "situação de trabalho" emergiu como realidade explicativa, não se segue, necessariamente, a despromoção do papel desempenhado por variáveis

como a técnica ou a história, a conquista de um novo campo de análise centrado sobre a oferta e a procura de emprego e de actividade constitui certamente um acréscimo e um alargamento do objecto disponível para a interpretação sociológica.

Fica talvez, contudo, no ar a pergunta - sugerida pelo próprio raciocínio do autor - de qual a particular tessitura paradigmática que estará subjacente a esta proposta que, após a crítica da "situação de trabalho", enfatiza agora a "situação de emprego".

João Freire